

O fenômeno do duplo e a clínica das psicoses

Rafaela Amaral Cunha do Nascimento

Fabio Malcher

Carlos Alberto Ribeiro Costa

1. Introdução

Abordamos, por meio da análise de uma vinheta clínica de um participante do projeto *Circulando*, a função do duplo na clínica das psicoses, entendendo que a questão estrutural do psicótico, que conta com um menor suporte simbólico em sua constituição subjetiva, pode ser compensada através de uma identificação imaginária ao outro, que lhe serve de apoio e promove abertura à alteridade. Contudo, o fenômeno do duplo traz também o caráter de estranhamento, podendo ganhar consistência demasiada, vindo a apresentar características persecutórias e invasivas quando o sujeito tem dificuldade de mediar simbolicamente uma separação.

Com Freud podemos pensar o duplo a partir do processo de constituição do Eu propiciado pelo narcisismo, que também traz a marca das identificações que servem de suporte ao longo do desenvolvimento. Mais especificamente sobre a estrutura psicótica, Freud (1914/1996) observa que estes sujeitos demonstravam os fenômenos de megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo, características do primeiro momento do narcisismo, sendo a libido objetal dirigida ao Eu, ficando aí retida em seu desenvolvimento.

Já em 1919, Freud relaciona a experiência do duplo como uma defesa do Eu, que produz um desdobramento da imagem de si para superar uma ameaça de aniquilação. Considerando mais propriamente o caráter de estranheza que compõe este fenômeno, ele apresenta a explicação de que o duplo remete a uma fase constitutiva anterior e recalçada, que, retornando, interfere nos limites subjetivos entre interior e exterior.

Lacan investiga o narcisismo através da conceituação do estágio do espelho, compreendendo a constituição do Eu como parte fundamental do campo do imaginário. Lacan (1949/1998) compreende que a dinâmica entre o Eu e o outro fixa a criança em uma imagem que a aliena em si mesma, ao passo que também é constitutiva do sujeito ao formar o traço de uma identificação primária que carrega em si uma tensão imaginária, formadora também das vivências do duplo. Por não poder contar com a inscrição do Nome-do-Pai, o sujeito psicótico carece de uma referência simbólica, tendo seu funcionamento pautado noutro modo de identificação, como espelho no registro imaginário. Portanto, para Lacan (apud Quinet, 2006),

se a identificação com o outro na psicose é feita numa fraca mediação simbólica, o outro é compreendido ao mesmo tempo como rival e igual. O semelhante fica assimilado prioritariamente no registro imaginário, ou seja, apenas no registro especular, o que ocasiona os fenômenos de duplo imaginário, onde o sujeito forma um apoio no eixo Eu-outro do estágio do espelho.

É o que demonstra o caso de Pedro, que formula uma imagem de si no outro, tornando este seu objeto de identificação, mas também de controle e agressividade. De início, o duplo opera como um suporte ao enlace com a alteridade, promovido através da construção criativa de uma narrativa de desenhos e histórias de super-heróis, em um trabalho psíquico que promove abertura ao laço social. Quanto mais este sujeito apresenta dificuldades em separar seu Eu do outro, criando um discurso *como se* fossem um personagem de duas caras, mais podemos observar manifestações persecutórias e invasivas de desregulamentação pulsional.

2.1 Contribuição teórica freudiana: duplo, narcisismo e o estranho

Em 1914, com seu estudo sobre o narcisismo, Freud aborda o surgimento do Eu como unidade psíquica e representativa de um corpo. Antes da passagem pelo narcisismo, as pulsões sexuais se apresentam de forma anárquica, num autoerotismo, onde o corpo como unidade é desconhecido pelo sujeito.

Através de uma nova ação psíquica, realizando um arremedo de coordenação e surgimento do Eu como uma unidade psíquica representativa de um corpo, o *infans* constitui um narcisismo primário que promove um importante investimento libidinal, começando a perceber um contraste entre Eu-outro. Entretanto, Freud (1895/1995) também reconhece que esta organização só é possível com uma ajuda alheia, onde um outro ser a partir de seus cuidados com o bebê possa promover a ação específica, produzindo uma alteração interna do desamparo através da descarga de excitação, introduzindo com este apoio as primeiras marcas no aparelho psíquico do infante.

Freud (1914/1996) demonstra que o amor dos pais, essa ação que investe libidinalmente a criança, vem a ser a cadeia de transmissão da família que tem os filhos como objetos de investimento de seu próprio narcisismo abandonado, exercendo um importante papel na constituição psíquica, pois proporciona à criança a internalização de uma identificação que forma o seu próprio Eu ideal, como revivescência deste estado de perfeição que lhe era atribuído. Contudo, o bebê, após a constituição corpórea, começa a perceber a necessidade de investir no mundo externo para promover contato com a realidade. Esse investimento levaria

um deslocamento da libido do narcisismo primário para uma libido objetal. E é justamente nesse ponto que Freud diferencia em seu texto as neuroses de transferência e as psicoses.

Diante de uma frustração na relação com o mundo externo, o sujeito realiza um desligamento da libido nos objetos, retornando essa libido ao Eu. A diferença se constitui ao passo que na neurose, a libido transfere-se ao campo da fantasia, enquanto na psicose *‘a libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo’*. (Freud, 1914/1996, p.11) Quando busca reconduzir a libido, a psicose apresenta como algo secundário uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir o investimento de volta aos objetos, os delírios e as alucinações psicóticas. Freud também afirma que nos casos de paranóia as renúncias e frustrações impostas pela ofensa ao Eu provocam uma ferida narcísica pelo fracasso da satisfação no âmbito daquilo que concerniria ao ideal do Eu aparecendo para o sujeito como uma hostil interferência de fora, que o vigia e persegue, o que podemos perceber justamente nas experiências do duplo.

No artigo *O Inquietante* (1919/2010), Freud faz uma análise etimológica da palavra *Unheimlich*, e também da expressão em outros idiomas, para ilustrar que o termo e seus sinônimos em variadas línguas coincidem com seu oposto imediato *Heimlich*. Assim, Freud associa o caráter de estranho com o familiar, entendendo que atrás de algo aparentemente incompreensível ou inquietante se esconde algo familiar e conhecido: *“Unheimlich seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu”*. (Freud, 1919/2010, p.338).

O tema do duplo aparece primeiramente neste texto, com a menção ao trabalho de Otto Rank, que pontua a origem do surgimento do duplo como uma garantia contra o desaparecimento do Eu, no objetivo de defender-se da aniquilação. Para Freud, as concepções do duplo são advindas do narcisismo primário, e com a superação desse estágio, o duplo transforma-se: *‘de garantia de sobrevivência passa a inquietante mensageiro da morte’* (Freud, 1919/2010, p.352). A experiência do duplo, então, demonstraria o limiar e a oposição entre o Eu e o conteúdo reprimido e inconsciente, já que ilustra uma regressão a fases de evolução do Eu em que a relação de si mesmo e o mundo externo não estavam nitidamente definidas. Este esforço defensivo, para o autor, é uma busca por projetar como externo algo familiar, mas que mediante ao processo de repressão, tornou-se alheio à consciência.

Com a segunda tópicos do psiquismo, a experiência do duplo não pode ser mais compreendida apenas como um retorno do recaiado. Entendemos, assim, que mesmo não se tratando do recaiado, o caráter do inquietante se faz relevante justamente por mostrar o lugar da realidade psíquica em que é tomado o duplo nas estruturas psicóticas.

1.1 Contribuição teórica lacaniana: duplo, o estádio do espelho e as bengalas imaginárias

Lacan, em seu escrito “*O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*” (1949/1998) apresenta a experiência humana frente ao seu reflexo, que tem como função a articulação de uma matriz identificatória para o Eu, além de revelar suas relações com a imagem. Ao contrário das pulsões sexuais, que estão presentes desde o início, uma unidade egóica precisa ser desenvolvida, e compreende, portanto, o narcisismo como uma nova ação psíquica entre o autoerotismo e o amor objetal para que o desamparo e a anarquia das pulsões possam realizar uma primeira organização.

O corpo é resultado de uma operação psíquica, de um processo de identificação que promove uma assunção jubilatória de sua imagem através de sua relação com seu semelhante, contanto que essa relação seja mediada por um terceiro como Outro. Trata-se de uma operação que passa pela palavra, por um investimento libidinal, dependendo da autenticação simbólica do Outro. Assim, o papel da identificação na constituição do Eu, formando a primeira unidade egóica, institui uma alienação proveniente do campo da linguagem.

Este processo de alienação no outro também traz consigo uma tensão imaginária, base dos fenômenos de experiência do duplo, visto que o investimento da libido narcísica na relação especular carrega em si a marca de uma rivalidade e uma agressividade pelo objeto de desejo do outro (Lacan, 1954-55/1985), pois na constituição da imagem pelo outro, o sujeito se submete à imagem daquele que controla a possibilidade ou não de sua própria existência.

Na clínica das psicoses, essa identificação é feita sem o suporte de mediação da significação fálica, ou seja, sem o significante do Nome-do-Pai, foracluído, o que favorece o surgimento de uma tensão agressiva, na passagem entre a alienação ao semelhante para um outro que ameaça, tornando-se ao mesmo tempo rival e igual.

Essa tensão, num fenômeno de duplo, encontra-se referenciada no esquema L proposto por Lacan (1955-1956/1985), onde o psicótico está numa relação conforme o par imaginário $a - a'$, ou seja, um eixo narcísico que não comporta a mediação de um Outro barrado, o qual apontaria para um sujeito dividido. Assim, uma possibilidade de estabilização na psicose seria compor dentro dessa identificação direta um suporte a nível imaginário que sustente o sujeito na sua realidade, tal como nas *bengalas imaginárias*, onde o psicótico pode servir-se de uma identificação imediata onde o outro é tomado como espelho (Quinet, 2000), o que o sustentaria e impediria o desencadeamento do surto psicótico. Para Lacan (1955-56/1985), as psicoses não desencadeadas se utilizam de um suporte pela via do imaginário para mediar os significantes invasivos vindo do campo do Outro.

Enquanto fenômeno, o duplo age como proteção ao sujeito garantindo a coexistência dele com o outro em um laço, porém existe sempre a possibilidade deste efeito ser esgotado, ao se tornar por demais consistente e proporcionar vivências de perseguição e/ou invasão. Por não conseguir estabelecer uma separação, o duplo pode deixar o sujeito preso numa espécie de relação simbiótica, e o caráter precário dessas identificações pode vir à tona "*quando o sujeito, numa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com esse defeito que existe desde sempre*" (Lacan, 1955-56/1988, p. 231), ponto fundamental, bem ilustrado pelo caso de Pedro.

2. Caso Pedro: do Menino Gavião à Duas Caras

Pedro, 23 anos, participa do projeto *Circulando* há cerca de quatro anos. Coursou faculdade de cinema, demonstrando sempre bastante interesse por desenhos animados e por História. Nas oficinas, sempre comenta algum marco histórico, nome de presidentes, filmes, diretores, anos de vitória do Brasil na Copa do Mundo, etc, lembrando sempre esses dados automaticamente e com precisão. Relaciona-se bem com todos os participantes, aproximando-se mais, nos últimos dois anos, do paciente Gabriel, diversas vezes mencionando que sente por ele uma grande amizade e que este é *seu irmão*. Entretanto, muitas vezes Pedro faz brincadeiras e gestos excessivos com Gabriel, seja na tentativa de manipular suas mãos ou pedindo que ele repita algo várias vezes. No último ano, um ponto significativo ocorreu no aspecto dessa difícil separação da relação de Pedro e Gabriel. Durante uma oficina, onde Pedro estava demonstrando um contato excessivo com Gabriel, o que preocupou parte da equipe, uma das estagiárias pegou folhas e canetas para convidar Gabriel para desenhar, que aceitou a proposta e sentou junto a ela em uma mesa separada. Pedro logo sentou-se também à mesma mesa, e iniciou uma conversa comentando sobre uma história que tinha criado anteriormente e começa a desenhar uma nova narrativa que criou, onde ele e Gabriel são super-heróis.

A narrativa criada trata da história que Pedro constrói em que há uma dupla de heróis, ele próprio como Menino Gavião, menino, pois não se vê *como homem, e sim como menino*, e Gavião por ser *uma ave única, grande e extinta*. Seu amigo Gabriel fecha a dupla heróica, sendo o Super Pipoca, pois *ele gosta bastante de pipoca*. Ambos têm poderes e uniformes idealizados também por Pedro, contando a história também com um vilão, outro participante da oficina, que faz de Gabriel alvo de suas impicâncias. A narrativa ainda tem como personagens outros participantes da oficina, tendo cada um uma função, que segue mais ou menos o que Pedro observa deles e da relação que estes têm com ele e Gabriel na oficina, tomando suas características e afetos para designar tais funções. A narrativa se completa com um plano do vilão para dominar a cidade, seguida de uma luta final entre heróis que salvam a

cidade e resgatam os demais, que eram os reféns. Acreditamos que esta construção se apresente como um trabalho de captação dos elementos advindos de seus encontros com a alteridade, com seus pares e os espaços onde compartilham sua experiência. Percebemos que Pedro tende a se apoiar em uma identificação imaginária com Gabriel, na qual o outro torna-se uma espécie de modelo a guiar sua relação para com a alteridade, visto que é a partir do personagem de Gabriel que Pedro demonstra seus afetos e considerações sobre os demais participantes da oficina, fornecendo a ele um modelo a ser reproduzido. Cumpre ressaltar que as características dos personagens que não sejam o Menino Gavião ou o Super Pipoca advêm do modo como os demais participantes se relacionam com Gabriel e não com Pedro, evidenciando-se a função de Gabriel como um duplo que media a relação de Pedro com a alteridade.

No entanto, desde o final do ano passado Pedro não tem mais recorrido aos desenhos como atividade, nem elegido nenhum outro recurso para participação da oficina, dizendo que prefere conversar, enfocando, sempre, sua relação com Gabriel, que agora fazem passeios juntos no final de semana. Pedro diz que nesses encontros nós (estagiários da equipe) *não temos controle* sobre eles, que agora eles têm *uma vida fora dali e de nossas regras, que nós não controlamos*. Nesse sentido, observa-se a dificuldade de Pedro em aceitar alguma separação de Gabriel, atendendo outras sugestões ou iniciativas em alguma atividade que não envolva este, mesmo que seja para criar ou continuar com suas invenções de histórias da dupla de super-heróis. Percebemos também que Pedro tem chegado cada vez mais agitado nas oficinas, abraçando muito Gabriel, que demonstra agitação e incômodo. Anteriormente, acreditamos que Gabriel também se utilizasse da relação dual com Pedro, porém, a partir de seu incômodo, visualizamos que Pedro compreende ao mesmo tempo Gabriel como rival e igual, ao querer exatamente a mesma coisa que Gabriel, desde o mesmo tratamento dos oficinheiros ao mesmo número de pães de queijo, por exemplo. Quando não ocorre a igualdade, Pedro diz estar sendo *injustiçado*. Com isso, vimos Gabriel optar cada vez mais por atividades separadas nas oficinas, convocando algum estagiário para sair com ele ou para sentar em outra sala para desenhar.

Quando conversamos sobre essa proximidade, tentando criar alguma alternativa, Pedro diz que *precisa cuidar de Gabriel, que precisa zelar por ele pois Gabriel mora em seu coração*. Fica evidenciado no significante “precisa” o caráter imperativo dessa função de duplo em jogo para Pedro, e sua dificuldade de prescindir desse recurso, o que torna o manejo da equipe difícil. Percebemos em Pedro uma recorrente fala rápida e sem pausa, tremores e nervosismos, e também certa agressividade quando contrariado, demonstrando se preocupar e temer o tempo todo que sua relação com Gabriel seja comprometida, questionando a equipe sobre seu *desejo de nos separar*. Há um ponto clinicamente importante: ao mesmo tempo em que o duplo pode

ter uma função constitutiva ao sujeito e/ou mediadora de sua relação com o Outro, pode haver uma exacerbação que torne esse recurso também fonte de desestabilização. O manejo é delicado, pois se para Gabriel a função de duplo para o Pedro aparentemente foi se tornando uma posição difícil e incômoda, sua saída desse lugar não é fácil para Pedro, que parece senti-la como a perda de uma bengala imaginária, de um suporte em sua relação com o Outro.

Questionado sobre a falta de investimento nas atividades propostas nas oficinas, permeadas de saídas da sala durante a oficina quando Gabriel não está ou está concentrado em outra atividade que não o inclui, Pedro nos diz que não se interessa pois Gabriel é *sua metade*. *É como se fossemos o Duas Caras, sabe? O personagem do Batman? Como se fossemos um*. Essa metáfora denota que a relação de apoio, cuja função especular lhe dava algum ponto de ancoragem permitindo se apreender no plano imaginário, tornou-se excessiva, saindo de uma ordem de coexistência para uma relação de intensidade e agressividade. Para Pedro, todos querem separá-lo de Gabriel e ninguém os compreende.

Supomos que Pedro demonstra a expressão de fenômenos elementares da paranoia (Lacan, 1955-56/1985), como perseguição e delírios de interpretação, demonstrando uma possível regressão ao estágio do espelho onde o Outro faria do sujeito seu objeto.

3. Considerações Finais

Diante da construção elegida por Pedro, percebemos que a estratégia de compensação imaginária do duplo pode auxiliar o sujeito na formação de uma imagem de si e na abertura frente à alteridade. Entretanto, observamos também com o desenvolvimento desta relação dual formalizada por Pedro, que esta saída pode ser precária e limitada, transformando o seu objeto de identificação também em objeto de controle e agressividade.

Com as contribuições de Freud, podemos entender que o duplo apresenta algo familiar ao sujeito, mas que lhe era considerado estranho e alheio, demonstrando a fragilidade no limiar entre fantasia e realidade, e porque o efeito inquietante é tão frequentemente atingido na experiência do duplo.

Com Lacan, compreendemos que a falta estrutural do significante do Nome-do-Pai na psicose leva o sujeito a buscar alguma outra compensação, mais especificamente pela compensação do duplo, pela via do imaginário. A experiência do duplo então se apresenta como uma bengala imaginária, um suporte que configura uma relação especular direta, onde a imagem do outro garante a existência de si mesmo.

Considerando estes aspectos, compreende-se porque para Pedro existe a dificuldade de estabelecer uma separação, e até de aceitar certa mediação, na relação com Gabriel. Durante

supervisões, estabelecemos a direção clínica de incentivar as invenções criativas de Pedro, como na criação da sua narrativa do ‘Menino Gavião’, de modo a que ele pudesse se servir do recurso ao duplo imaginário não somente na presença direta, imediata, de Gabriel, mas também em personagens criados em um interessante trabalho psíquico, esboçando-se uma simbolização, ou seja, que Gabriel possa operar como duplo para Pedro mesmo em sua ausência física, como personagem de uma história criada por este. Assim, espera-se que ele possa estabelecer algum ponto de basta que não lhe seja intrusivo, e que abra possibilidades ao laço social.

Referências:

- FREUD, S. (1895/1995) Projeto de uma Psicologia. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1914/1996) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (19915/1996). O inconsciente. In J. Strachey (Ed., & J. Salomão, Trad.), Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 14, pp. 171-209). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1919/2010) O Inquietante. In: Obras Completas de Sigmund. Vol 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010
- LACAN, J. (1949/1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In Escritos. pp. 96-103. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1954-1955/1985). O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge. Zahar, 1985.
- _____. (1955-1956/1985). O seminário. Livro 3. As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- QUINET, Antônio. (2006). Teoria e clínica da psicose. Rio de Janeiro: Forense Universitário.